

INTRODUÇÃO REFERENCIAL: NOVOS OLHARES

Franklin Oliveira Silva (UFC)

franklinsuper@hotmail.com

Introdução

Desde que a linguística se firmou como ciência, a forma como o homem refere o mundo através da língua tem sido estudada sob vários pontos de vista e com as mais diversas teorias. Explicar o que acontece quando se constrói e se reconstrói os sentidos do texto é uma tarefa abraçada especialmente pela linguística textual. Para principiar esse estudo, o linguista deve escolher um conceito de língua que guiará todas as investigações seguintes. Atualmente, a linguística textual considera o texto como “o próprio lugar de interação e os interlocutores, como sujeitos ativos que- dialogicamente- nele se constroem e são construídos” (KOCH, 2002, p.17). Esse é o conceito de texto que consideraremos neste trabalho para justificar também a noção de referente empregada nas análises que serão apresentadas nos tópicos seguintes.

Cabe agora elucidar o que vem a ser referenciação, e o primeiro termo que deve ser explicado é a referência. Tradicionalmente, a referência era associada a uma representação do mundo, uma espécie de correspondência entre as formas linguísticas e os objetos do mundo. Essa concepção persistiu como absoluta por muito tempo e tem ainda hoje muitos defensores, mas vem sendo colocada em questão por linguistas que atribuem uma perspectiva sociocognitiva e interacional da linguagem, a exemplo de Mondada e Dubois (1995) que defendem o caráter dinâmico da relação língua-mundo, deixando de lado o termo referência e passando a adotar o termo referenciação para destacá-la não como um produto e sim como processo, uma negociação de sentidos entre os interlocutores.

As autoras dedicam-se, nesta fase, a descrever os processos discursivos de construção dos “objetos de discurso”, em oposição aos objetos de mundo, considerando a instabilidade constitutiva dos objetos de discurso observável nas negociações feitas dentro da interação realizada entre os interlocutores.

Em conformidade com Mondada e Dubois (1995) destacamos os estudos de Apothéloz & Reicher-Béguelin (1995:142) que defendem:

De maneira geral, argumentaremos [...] em favor de uma concepção construtivista da referência [...]; assumiremos plenamente o postulado segundo o qual os chamados “objetos-de-discurso” não preexistem “naturalmente” à atividade cognitiva e interativa dos sujeitos falantes, mas devem ser concebidos como produtos- fundamentalmente culturais- desta atividade.

A referenciação constitui, portanto, uma atividade discursiva em que o sujeito atua sobre o banco linguístico que tem à sua disposição, operando escolhas significativas para representar o mundo, com um propósito comunicativo que orienta todas as escolhas realizadas nesta atividade.

Muito do que já foi estudado sobre os processos referenciais que participam da elaboração dos sentidos dos textos versa sobre os casos de anáfora e suas retomadas aos referentes explícitos (ou não) dentro do texto. As pesquisas sobre os processos

referenciais se dividem em dois grandes grupos: aquelas que estudam uma estratégia de referenciação específica e aquelas que sugerem propostas classificatórias para orientar as análises dos processos referenciais. No primeiro grupo encontramos as pesquisas sobre o fenômeno da dêixis (CAVALCANTE, 2000; CIULLA e SILVA, 2002), a anáfora indireta (APOTHÉLOZ & REICHLER-BÉGUELIN, 1999; MELO, 2001; GARY-PRIEUR & NOAILLY, 2003; MARCUSCHI, 2005); a anáfora recategorizadora (APOTHÉLOZ & REICHLER-BÉGUELIN, 1995; APOTHÉLOZ & CHANET, 2003; TAVARES, 2003; LIMA, 2007) o encapsulamento (FRANCIS, 2003; CONTE, 2003); e a rotulação metadiscursiva (JUBRAN, 2003, 2005). No segundo grupo estão as propostas de classificação geral dos processos referenciais, organizadas por autores como Marcuschi (2000), Koch (2003) e Cavalcante (2003, 2004). Aos linguistas que se ocupam da referenciação, pouco importa falar sobre a primeira “aparição” do referente no cotexto, ou ainda quando se discute sobre esse processo referencial, atribui-se a ele apenas a função de introduzir o referente no texto/ discurso.

Assim, evidenciamos a necessidade de se estudar este processo referencial para analisar o início de toda a cadeia referencial construída nos textos. Acreditamos que o estudo das introduções referenciais pode revelar sua importância para a construção dos sentidos do texto.

1. O que já foi dito

Parece óbvio que por se tratar de um fenômeno numericamente menor que os outros, o processo de introdução referencial tenha sido esquecido ou desfocado nos estudos sobre os processos referenciais. A anáfora, ao contrário, é motivo de diversas propostas classificatórias que são retomadas e discutidas o tempo todo por questões relacionadas aos fenômenos da dêixis, da anáfora indireta e do encapsulamento. Nosso interesse surgiu nos estudos de Silva (2004) que ao analisar os processos referenciais no gênero notícia policial, observou alguns casos em que a introdução referencial revelava uma escolha avaliativa do léxico. Tal fenômeno não é descrito nas propostas até agora publicadas e merece destaque por se tratar de um elemento importante em qualquer composição textual. Entre outras hipóteses, acreditamos que a introdução referencial direciona o olhar do interlocutor para detalhes sobre o referente que foram destacados intencionalmente pelo produtor do texto.

A introdução do referente no discurso é conceituada por Cavalcante (2003, p. 106) como a expressão nominal que institui “um objeto no discurso sem que nenhum outro elemento do contexto discursivo ou da situação imediata de comunicação o tenha evocado”. Como podemos observar na afirmação da autora, o que se diz sobre este processo referencial limita-se a impossibilidade do objeto do discurso ter sido invocado antes da introdução referencial. Olhando por este lado, este processo aparenta pouca importância frente às várias funções das anáforas e suas classificações.

Começaremos, pois, resgatando os conceitos dados para este processo referencial, partindo do princípio de que ele não só pode introduzir um referente no texto/ discurso como também pode, entre outras funções, servir como veículo de orientação argumentativa sobre o referente.

Em uma proposta reclassificatória dos processos referenciais, Cavalcante (2004) destaca a importância dos dêiticos para a classificação das introduções de referente no cotexto.

Cavalcante comunga das ideias de Apothéloz (2001) afirmando que a referência se constroi por duas estratégias complementares: a de atenção e a de interação, visto que é elaborada por processos cognitivos relacionados à orientação de atenção, a qual está voltada ao mesmo tempo para o objeto e para o co-enunciador. Já a interação é verificada pela ativação de diversificados elementos linguísticos, gestuais e interacionais com o propósito de monitorar essa orientação. Cavalcante (2004) acredita que mesmo quando os referentes são inaugurados no texto/ discurso

estão respaldados por um contrato tácito de co-participação do destinatário, que aceita responder em alguma medida à atividade que lhe é solicitada. Se se lê, por exemplo, no começo de uma reportagem: “Pesquisa derruba o mito de que os internautas são desmiolados, sedentários e misantropos”, o referente de “os internautas” aparece pela primeira vez no universo discursivo que está sendo criado, e não há sequer uma indicação do que o termo signifique, nem uma âncora anterior em que o referente se apóie. O que existe é a pressuposição pragmática de que o co-enunciador sabe do que se trata, e de que, mesmo que não saiba exatamente, alguns indícios contextuais posteriores o levarão a reconstruir o objeto discursivo, ainda que vagamente.

(CAVALCANTE, 2004, pp. 1-2)

Em nossa dissertação de mestrado, constatamos uma orientação do ponto de vista sobre o referente, operado pelo enunciador de notícias policiais, o que pode nos revelar uma estratégia recorrente em vários gêneros textuais. Vejamos alguns exemplos apresentados em Silva (2004, p. 65- 66):

(8) “ASSALTANTE MORRE EM TIROTEIO COM A POLÍCIA

O assaltante Juscelino Xavier dos Santos, 32 anos, que residia na cidade de União, morreu em tiroteio com a Polícia Militar...” (Jornal O Dia, 19 de março de 2003)

(9) “PINTOR É ASSASSINADO PELA POLÍCIA

Policiais de Miguel Alves (cidade localizada a 110 quilômetros de Teresina), mataram na noite de anteontem, durante uma operação, o pintor Juscelino Xavier dos Santos...”

(Jornal Meio Norte, 19 de março de 2003)

(10) “ARTESÃO EXECUTADO POR POLICIAIS EM BARREIRA

O artesão Juscelino Xavier dos Santos, 30 anos, foi executado anteontem com um tiro de arma de grosso calibre, na virilha, ao tentar passar em uma barreira formada por policiais civis e militares...”

(Jornal Diário do Povo, 19 de março de 2003)

É importante reforçar, antes de tudo, que os casos estudados por Silva (2004) são de notícias policiais de três jornais escritos de Teresina. O objetivo do trabalho era investigar os processos referenciais presentes nas notícias escritas sobre o mesmo episódio em três jornais diferentes para analisar a orientação do ponto de vista decorrente da seleção das expressões referenciais que introduziam o referente desde o título do texto. Observando os exemplos (8), (9) e (10), verificamos a orientação do julgamento do leitor (nas expressões referenciais) apontada no título, sobre o sujeito envolvido no fato noticiado. Em cada caso há uma orientação prévia que pode ou não

apontar uma determinada posição do enunciador. Sobre esta orientação prévia, corroboramos o que foi dito em Silva (2004):

A apresentação dos sujeitos na notícia é geralmente antecedida por algumas informações. A qualificação do referente como *desempregado*, *traficante*, *líder da rebelião* (para exemplificar termos muito usuais nas notícias policiais), antecipando e somando-se à apresentação do objeto do discurso, é realizada de forma estigmatizada, revelando uma orientação argumentativa para as informações que se quer prestar ao público leitor. As noções que se tem do objeto do discurso na notícia apresentam-se como dados nos quais se crê poder confiar, e nos quais se confia, de fato, eficazmente.

Mas, diferente das expressões anafóricas, as quais remetem sempre a uma âncora do cotexto, o introdutor de referente apresenta-o pela primeira vez, fazendo uma antecipação que será essencial para que o leitor, “sozinho”, formule sua opinião e muitas vezes concorde com a do enunciador. Todos sabemos que numa sociedade tão bombardeada de informações como a nossa, em que os dados da atualidade são considerados como fator principal para a sobrevivência na era atual, a sede por informações negligencia a visão crítica dos fatos, deixando inconscientemente para os meios de comunicação, como os jornais, a responsabilidade pela veracidade do que é apresentado. (Silva, 2004:66)

Um outro aspecto é destacado por Jaguaribe (2005) em seu projeto de tese em que investigava as recategorizações ocorridas em textos literários, especificamente em poemas. A autora afirma que é possível recategorizar o referente ao mesmo tempo em que ele é categorizado no cotexto. A recategorização das IRs é um fenômeno que precisa ser pesquisado de forma minuciosa para ampliar os estudos sobre esses processos referenciais. Sobre esse fenômeno a autora diz que :

Uma outra ocorrência de recategorização muito produtiva no texto literário é, por exemplo, aquela que se processa explicitamente no nível lingüístico, às vezes por uma metáfora, às vezes por uma expressão não-trópica, sobre um objeto-do-mundo que está categorizado na mente do enunciador. Não se explicitando em nenhum lugar do texto, esse objeto já aparece recategorizado, o que exige que haja entre enunciador e co-enunciador um conhecimento partilhado específico, ou que o co-enunciador possa reconstruir, por meio de seus conhecimentos enciclopédicos ou de suas vivências, a rede de relações feitas cognitivamente pelo enunciador.

(JAGUARIBE, 2005, p.40)

Para exemplificar esse caso, a autora cita o poema “Consoada”, de Manuel Bandeira, como veremos a seguir:

(7)

Quando a indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou caroável),
Talvez eu tenha medo,
Talvez sorria, ou diga:
- Alô, iniludível!
O meu dia foi bom, pode a noite descer.
(A noite com os seus sortilégios),
Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,
A mesa posta,

Com cada coisa em seu lugar.
Consoada, de Manuel Bandeira.
(Poema citado em JAGUARIBE ,2005, p.40)

Neste poema, observamos que o referente morte fica evidente no texto, mesmo sem que essa palavra apareça no cotexto. Jaguaribe comenta que o objeto-do-mundo “morte”, categorizado pelo item lexical morte, compõe o conhecimento enciclopédico do poeta, que escolheu apresentá-lo no cotexto como “a indesejada das gentes”. Assim, concordamos com a autora quando diz que este caso configura-se como uma introdução referencial recategorizada.

Cavalcante (2007, pp. 131-132) ratifica essa visão, quando esclarece:

(...) se pensarmos que a mudança no referente pode acontecer completamente em nível cognitivo, numa espécie de ordem inversa, em que primeiro a introdução recategorizadora é empregada e só a partir dela é que ativamos o objeto já transformado, então poderemos manter a afirmação de que o processo cognitivo-referencial da recategorização não é exclusividade das anáforas, pois também pode atingir as introduções referenciais puras.

O processo de introdução dos referentes exemplificado por Silva (2004) e por Jaguaribe (2005) ilustra como uma IR pode transparecer uma estratégia de orientação do ponto de vista, como estratégia argumentativo-discursiva. Custódio Filho (2001) afirma que essa função não está intrinsecamente ligada aos procedimentos característicos do gênero notícia; é possível reconhecer que a mesma estratégia pode aparecer em outros gêneros, como vemos em (11):

(11) Vamos enfrentar o monstro

O uso do crack no Brasil já é tratado no âmbito do governo federal como um caso grave de saúde pública, mas com um viés de risco à segurança pública. Tanto assim que o presidente Luiz Inácio da Silva determinou, no início deste mês, que o Gabinete de Segurança Institucional (GSI) da Presidência, [sic] que organize um seminário com especialistas para discutir a questão.

Não é necessário ser um especialista para se perceber o quanto o crack é uma droga devastadora e que coloca em risco não somente a saúde e a segurança dos usuários, mas das famílias e comunidades afetadas pelo crescente consumo desta substância entorpecente.

Relatos cada vez mais dramáticos envolvem desde a venda de utensílios e móveis para sustentar o vício até assaltos e homicídios cometidos por jovens – alguns deles ainda nem bem saídos da infância. Algo que não é somente preocupante, mas grandemente assustador.

Pais e mães, educadores, profissionais de saúde e policiais hoje manifestam o temor de que o crack chegue cada vez mais perto de jovens e crianças. Vulneráveis, eles podem ser levados a este abismo de difícil volta. As razões para o grande medo precisam se fazer acompanhar, claro, de ações corajosas e imediatas para o enfrentamento.

O crack é um monstro que coloca sob risco comunidades em todo o Brasil. Enfrentá-lo com determinação é uma medida urgente e inadiável. Além do combate ostensivo ao tráfico, faz-se necessário [sic] que, o quanto antes, fazer chegar às escolas o material didático para dar a professores o conhecimento necessário para que instruem seus alunos sobre os malefícios desta droga.

Quanto mais informação se tiver sobre os efeitos das drogas, quanto mais pudermos mostrar quão feio e ruim é esse monstro, mais chance teremos de impedir que ele seduza nossos jovens e crianças.

(Jornal *Meio Norte*, 21 de março de 2010.)

No exemplo (11), o enunciador faz referências ao crack que sensibilizam os interlocutores (“droga devastadora”, “abismo de difícil volta”, “monstro”, “substância entorpecente”) ao discutir a repercussão do uso na sociedade e mobiliza os leitores a lutarem contra esse “monstro”. Para que esse propósito seja alcançado, o emissor introduz o referente com a expressão avaliativa “o monstro”, que remete, no conhecimento enciclopédico do leitor, a uma figura terrível. No gênero em questão – o editorial - o qual que tem por função social expressar a opinião do veículo de comunicação sobre um tema atual, esta operação lexical é fundamental para inaugurar o referente “transformando-o” antes mesmo de ele ser expresso.

De acordo com Custódio Filho (2011) casos como aqueles apresentados nos títulos das notícias dos exemplos de (8) a (10) chamam a atenção pelo o fato de uma IR já vir com uma carga de significação “tendenciosa” e fundamental para os propósitos estabelecidos na interação. Isso implica que a ação de introduzir um referente no discurso pode não se restringir a simplesmente colocar em evidência um objeto que passará por transformações; a transformação já se percebe na própria inauguração do referente. Isso, por si, já é uma grande colaboração para os estudos da referencialização

2. A relação entre introdução referencial e gênero textual

Os procedimentos de construção de referentes são reveladores de características peculiares dos gêneros textuais. O leitor do gênero “resumo de novela”, por exemplo, não terá dificuldade em reconhecer os referentes destacados no exemplo a seguir:

(8)_Leandro vê ferro-velho cercado por policiais e volta para a Fashion Moto. Zuleika fotografa Rafael dando dinheiro para seu funcionário. Ela começa a reunir provas para tentar desmascarar o gerente. Tereza Cristina ofende Griselda na reunião e Vilma ameaça mandar sua filmagem para a TV. A peruca parte para cima da nova milionária e acaba apanhando. René manda Crô e Patrícia levarem a peruca para casa, enquanto inicia outra votação com os condôminos, que aprova Griselda como a nova vizinha. Zambeze desconfia da estranha chegada de Enzo. Ele faz mais um telefonema misterioso para falar sobre Griselda. Íris e Alice tentam invadir o quarto de Marcela. Patrícia despreza Antenor. Baltazar reencontra Crô e promete vingar a surra que levou do mordomo.

Disponível em: <http://www.resumodenovelas.net/2011/10/resumo-fina-estampa-31-05-novembro.html#ixzz1d2ybi6ZB>. Acessado em 03/11/2011.

Podemos analisar as IRs destacadas como expressões escolhidas por um emissor que conta com a colaboração do interlocutor para resgatar referentes em seu conhecimento enciclopédico, construído após a experiência de assistir a alguns capítulos da novela resumida neste gênero textual. Esse resgate não será realizado, obviamente, por um interlocutor que não se configura como um telespectador do enredo comentado. Essa observação confirma o que foi dito por Ciulla e Silva (2008) sobre a definição entre o que é novo e o que é velho na constituição de introduções referenciais. Em outras palavras, o que é considerado novo para o cotexto pode ser velho se considerarmos a ativação de um frame, no caso do exemplo (8) o frame da novela. O mesmo referente introduzido no cotexto pode ser interpretado de diferentes maneiras por diferentes interlocutores. As IRs que surgem no gênero resumo de novela ativam

uma espécie de processo dêitico de memória compartilhada entre o autor e o leitor. Há, portanto, uma função discursiva específica para as introduções referenciais que predominam nesse gênero textual.

Outro caso que podemos analisar é encontrado em tirinhas, histórias em quadrinhos, charges e cartuns. Em gêneros como esses, em que o texto verbal é combinado com o texto não-verbal, o autor pode apresentar o referente por meio de uma expressão referencial que será recategorizado sem que haja uma troca de expressão. Este processo dinâmico, tipicamente referencial, ocorre muito rapidamente e depende do contato com o texto completo. O enunciador incita o interlocutor a promover uma transformação sobre a expressão introdutória, como uma operação cognitiva complexa, porém fundamental para a progressão textual que se pretende estabelecer com os acréscimos percebidos sobre o referente. Vejamos um caso em que se confirma isso se confirma:

(9)



Em (9) temos um caso em que, conforme afirmamos anteriormente, o referente é apresentado por uma expressão e, rapidamente, na mesma expressão, ocorre uma recategorização do referente sem uma troca da palavra. “Banheiro”, que introduz o referente como “apartamento com vaso sanitário a ser utilizado por indivíduos” é rebatizado por “poste” à medida em que o interlocutor reconhece os personagens da tirinha e retomam o conhecimento prévio de que cães utilizam “postes” como “banheiro”. Dessa forma, o leitor lê a expressão banheiro e ativa o primeiro significado comum à palavra, mas logo em seguida promove uma segunda leitura da expressão referencial e ajusta o seu significado. Isso confirma o ponto de vista de Jaguaribe (2007) de que a recategorização é um processo amplo e não se efetiva somente por meio de expressões referenciais.

O mesmo fenômeno acontece em notas de colunas sociais, gênero em que o enunciador (colunista social) faz comentários ácidos, críticas recheadas de ironia sobre fatos e pessoas que se “destacam” na sociedade. Vejamos:

(10)

PERUA DE LUXO

No próximo dia 11, a Daslu vai sortear entre suas clientes um veículo utilitário usado na produção de um ensaio de moda feito na África. Detalhe: o carro foi personalizado com estampa de oncinha.

JORNAL MEIO NORTE, 31/09/2009

No exemplo (10), o enunciador apresenta o referente “carro” por meio de uma introdução referencial recategorizada, “perua de luxo”, que pode, numa primeira leitura, sugerir uma ambiguidade. Este “rebatizamento” ambíguo do referente é explicado com as informações seguintes, as quais confirmam que a “perua de luxo” não se trata de uma cliente da Daslu (loja que possui como clientes a elite da sociedade) e sim o prêmio oferecido pela empresa. É importante observar que a ambiguidade nesse gênero textual, conquistada pela recategorização de IRs, não atrapalha a captação dos sentidos do texto; pelo contrário, reforça o propósito comunicativo deste gênero: ironizar. Podemos concluir, assim, que em certos gêneros textuais, a ambiguidade referencial representa um excelente recurso de produção do humor, como é o caso do exemplo (10).

Na charge (12) que veremos a seguir, observaremos quatro referentes que juntos constroem o humor pretendido pelo enunciador.

(12)



(Charge. JORNAL MEIO NORTE, 31 de set de 2009)

Podemos localizar no cotexto, por meio do texto verbal, os referentes “Lázaro” e “CPMF”. Um leitor desavisado pode encarar, à primeira vista, a expressão referencial *Lázaro* como um referente novo; mas essa impressão será desfeita quando for associada a um outro referente numa transformação imediata: na charge, o referente “Lula” surge no texto não-verbal associado ao referente “Jesus Cristo” e juntos eles recuperam na memória discursiva do leitor o referente *Lázaro* como velho no discurso, embora novo

no cotexto. Temos, em seguida, um caso de recategorização imediata do referente *Lázaro* que será retomado por *CPMF*. Todas essas operações são reguladas pelos conhecimentos (enciclopédicos, linguísticos e interacionais) que o interlocutor deve possuir. No exemplo (12) observamos mais uma vez que a IR e a recategorização podem acontecer em conjunto para construir o sentido pretendido pelo enunciador dentro de determinados gêneros textuais.

Destacamos nesta investigação que o texto não-verbal era pouco ou quase nunca considerado nas análises e nos conceitos sobre introduções referenciais. Essa exclusão de parte do texto desconsidera que os sentidos construídos em qualquer gênero textual dependem de todos os objetos do discurso apresentados , seja por meio de expressões referenciais inscritas no cotexto, seja por referentes inferidos por meio de imagens e/ou sons também inseridos no cotexto. Consideramos, a exemplo de Custódio Filho (2011), o papel das práticas multimodais na produção de referentes. O autor afirma que:

é preciso ressaltar que esses outros elementos podem ser considerados como todo o conjunto de recursos contextuais (em sentido amplo) disponíveis quando da construção dos referentes no texto. Isso quer dizer que, numa dimensão, a parte não verbal do processo pode ser entendida como o aparato de conhecimentos prévios (assentados sociocognitivamente) ativados para a produção e a compreensão textuais. (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p 152),

Com esses exemplos, esperamos ter dado a conhecer alguns casos de introdução referencial que merecem um estudo mais detalhado e que contribuem e muito para os estudos dos processos referenciais nos mais diversos gêneros textuais.

Considerações Finais

Nossas reflexões em torno do processo referencial que apresenta o referente no discurso tiveram o propósito de apontar para a necessidade evidente de se estudar esse fenômeno para ampliar os estudos sobre referenciação e as propostas de análise nos gêneros textuais. Reconhecemos que os exemplos aqui analisados são pouco representativos em termos numéricos, mas são muito significativos em termos qualitativos pois revelam alguns aspectos que ainda merecem estudos mais minuciosos – e é essa nossa missão daqui por diante.

Creemos que um dos motivos que levaram ao pouco interesse dado às IRs esteja relacionado ao número de ocorrências no texto e à associação sacralizada entre recategorização e anáfora, pregada por estudiosos da linguística textual. Mas diante dos casos aqui analisados, não podemos sustentar essa doutrina pois, como vimos em vários exemplos, o processo de recategorização também acontece em introduções referenciais.

Tentamos reunir alguns estudos que conceituassem a apresentação dos referentes no discurso, e observamos que a maioria deles, com poucas exceções, só formula noções para os casos de referentes que foram introduzidos por expressões referenciais no cotexto. Tais conceitos desconsideram, erroneamente, os referentes inferidos pelo contexto e, portanto, introduzidos no texto. Para enxergarmos esse processo de construção referencial é preciso considerar o papel dos elementos visuais na produção de referentes.

Ser indiferente às estratégias de construção de sentido, orientadas desde a apresentação do referente no texto por meio de IRs, é negar a dinâmica e complexa tessitura realizada nos diversos gêneros textuais. Cada gênero mobiliza estratégias peculiares que devem ser estudadas para sua compreensão e esse estudo deve contemplar não só as construções realizadas nas retomadas do referentes, mas sim na gênese de todo esse processo.

REFERÊNCIAS

APOTHÉLOZ, Denis; REICHLER-BÉGUELIN, Marie-José. Construction de la référence et strategies de designation. Tradução (inédita) Mônica Magalhães Cavalcante. In: BERRENDONNER, A.; REICHLER-BÉGUELIN, M.-J. (Org.). **Du syntagme nominal aux objets-de-discours**. Neuchâtsh: Université de Neuchâtsh, 1995, p. 227-271.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Expressões indiciais em contextos de uso: por uma caracterização dos dêiticos discursivos**. 204 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

_____. **Processos de referenciação: uma revisão classificatória**. Comunicação apresentada no XIX ENANPOLL. Alagoas: UFAL, 2004.

_____. et al (Org.) **Texto e discurso sob múltiplos olhares**. v. 2: referenciação e outros domínios discursivos. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 74-103.

CIULLA e SILVA, Alena. **Os processos de referência e suas funções discursivas: o universo literário dos contos**. 201p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

CONTE, M. E. Encapsulamento Anafórico In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. **Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação**. 331p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

CUSTÓDIO FILHO, V.; SILVA, Franklin O. **O caráter não-linear da recategorização referencial**. (no prelo)

JAGUARIBE, V. M. F. **A recategorização no texto literário: as negociações discursivas em poemas**. /Projeto de tese/ - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

JUBRAN, Clélia C. A. S. **O discurso como objeto de discurso em expressões nominais anafóricas**. Caderno de estudos linguísticos. Campinas, n. 44, p. 105-118, jan./jun. 2003.

JUBRAN, Clélia C. A. S. Especificidades da referenciação metadiscursiva. In: KOCH, I.G.V.; MORATO, E.M.; BENTES, A.C. (Org.) **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 219- 241.

KOCH, Ingedore G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Introdução à Linguística Textual**: trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, Ingedore. G. V.; ELIAS, Maria Elias. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2009

LIMA, Silvana M. C. Recategorização metafórica e humor: uma proposta classificatória. In: CAVALCANTE, Mônica M. Expressões referenciais – uma proposta classificatória. **Caderno de estudos linguísticos**. Campinas, n. 44, p. 105-118, jan/jun 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Anáfora indireta : o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, Ingedore G.V.; MORATO, Edwiges M.M.; BENTES, Anna C. (Orgs.) **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p.53-101).

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. Tradução Mônica Magalhães Cavalcante. In: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA e SILVA, A. (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

SILVA, Franklin O. **Processos de referenciação no gênero notícia**. 103p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

TAVARES, Diana Paula F. **Processos de recategorização**: uma proposta classificatória. 157p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.